

CRIANÇAS PREMATURAS ADVINDAS DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, UMA REVISÃO DE LITERATURA

Brunela Pimentel de Oliveira¹
Luiza Valadares e Pereira²
Gabriela Chaves Mendes Justino³
pimentelbrunela@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A gravidez na adolescência é dita como uma das grandes dificuldades do sistema de saúde, ressaltando os fatores negativos que a mesma apresenta devido às inúmeras mudanças ocorridas na menina. O objetivo do presente estudo é analisar e compreender os principais fatores associados a gravidez na adolescência, correlacionando com o parto prematuro. Foi realizado um estudo descritivo, de uma revisão bibliográfica, a partir de citações e artigos, por meio da base de dados do Google Acadêmico, entre os anos de 2018 e 2022. Determina-se que tal circunstância é advinda de diversos fatores, sendo a grande maioria ocasionado de gravidezes não planejadas, havendo prejuízo mútuo, ou seja, tanto para a mãe, quanto para o bebê. Por fim, conclui-se que é necessário alavancar ações a respeito da temática, precavendo maiores complicações da saúde em todas as circunstâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; prematuro; gravidez; adolescência.

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência tem se tornado uma grande dificuldade na saúde pública e risco social, por causa dos fatores negativos que se expressam nesse cenário. Entre eles tem os problemas psicológicos, biológicos, econômicos, perda de oportunidades educacionais e de sucesso profissional (DIAS, DE ANTONI, VARGAS, 2020). Define-se adolescência o período de mudança da infância à fase adulta que é entre 10 a 19 anos (DA SILVA JUNIOR *et al.*, 2022).

¹ Acadêmica do 4º período de Medicina, Centro Universitário Univértix, Matipó/MG

² Acadêmica do 4º período de Medicina, Centro Universitário Univértix, Matipó/MG

³ Mestre em Ciências da Reabilitação pelo Centro Universitário de Caratinga/MG; Médica pelo Centro Universitário de Caratinga/MG; Especialista em Ginecologia e Obstetrícia pelo Hospital César Leite - Manhuaçu/MG; Docente do curso de Medicina no Centro Universitário Univértix - Matipó/MG

Entretanto, a maternidade é uma vivência que envolve diversos motivos e verifica diversas alterações no comportamento, no corpo e no convívio social na vida da mulher resultando em um desafio ao se questionar sobre sua personalidade e realizar o seu papel de ser mãe. Gerando assim, diversos sentimentos ao mesmo tempo como insegurança e medo causando assim um grande trauma psicológico (DA SILVA JUNIOR *et al.*, 2022).

A gestação na adolescência e situações relacionadas ao parto e ao puerpério consistem no principal motivo de internação hospitalar no decorrer da adolescência do sexo feminino em várias regiões do mundo. Têm-se 16 milhões de adolescentes que ficam grávidas entre 15 a 19 anos e cerca de dois milhões são menores que 15 anos (DIAS, DE ANTONI, VARGAS, 2020). De acordo com Da Silveira *et al.*, (2018) embora tenha acontecido um grande processo na obstetrícia, o número de pacientes prematuros ainda é alto, especialmente em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, como por exemplo o Brasil.

Dessa forma, como resultado dessa conduta a gravidez na adolescência é considerada uma dificuldade para a saúde pública e problema social, contribuindo para intensificar as estatísticas de morbimortalidade por motivo obstétrico, por causa de um maior risco gestacional e neonatal. O cuidado intenso com crianças prematuras demanda profissionais de saúde intensamente qualificados e altos custos de tratamento. (DA SILVEIRA *et al.*, 2018) De tal modo, o ato de cuidar de um recém-nascido mostra a sensibilidade e a integralidade que se deve ter, pois algumas ações não podem ser delegadas aos aparelhos e procedimentos técnicos (AGUIAR, GOMES, 2021).

Uma gravidez nessa fase da vida pode despertar um quadro prejudicial em que muitas adolescentes podem se sentir desvalorizadas e com baixa autoestima, desencadeando uma falta de expectativa sobre seu futuro. Isso se relaciona a um aumento de estresse emocional e a um grande sofrimento psicológico, podendo ter como consequência uma fragilidade emocional levando ao tabaco, álcool e outras

drogas, tendo como consequência um pré-natal prejudicial aumentando o risco de mortalidade materna e neonatal (DIAS, DE ANTONI, VARGAS, 2020).

Segundo Da Silveira *et al.* (2018), viver simultaneamente duas fases importantes da vida de estar se tornando mulher e mãe, há possibilidade de gerar consequências à adolescente, podendo desencadear uma crise existencial. Quando a mesma engravida, ela passa por dois eventos estressantes, isso porque a adolescência em si implica dificuldades pessoais e sociais por causa das mudanças físicas e emocionais. Por isso quando acontece alguma eventualidade desagradável a essa mãe, como não aceitar a gestação, deverá ser tratada de forma diferenciada e integrada (DE BULHÕES *et al.*, 2018).

Diante do cenário exposto, o objetivo do estudo é analisar e compreender os principais fatores associados a gravidez na adolescência e o parto prematuro. Visto isso, possui uma relevância de cunho social, prezando por um melhor entendimento do assunto e aplicabilidade na prática médica.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica pura e qualitativa, que mediante Aguiar, Gomes (2021), é classificado como um estudo que fornece esteio para a tomada de atitudes e melhorias nas atividades rotineiras, concedendo aprofundamento em um certo assunto, sendo uma metodologia de pesquisa fundamental, visto a dimensão da importância na qualidade da assistência oferecida.

Dessa maneira, as buscas ocorreram mediante um levantamento bibliográfico, realizado através da base de dados do Google Acadêmico e Scielo, em revistas, como Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Revista de psicologia, entre os anos de 2018 e 2022, com o intuito de compreender as questões em torno do nascimento prematuro advindo de uma gravidez na adolescência.

Sendo assim, a busca foi realizada nos presentes descritores: Crianças; Prematuro; Gravidez; Adolescência. Os critérios para seleção de artigos foram contemplados os que estão em língua portuguesa, além de estarem inseridos no

período de publicação dos últimos cinco anos. Foram excluídos aqueles que não abordavam o eixo temático discutido, além de estarem em formato textual do tipo relato de caso e/ou experiência, dissertações e monografias. Os dados foram pesquisados entre o período de abril e maio de 2022, com auxílio dos descritores.

RESULTADO E DISCUSSÕES

De acordo com Aguiar *et al.*, (2021) o perfil das jovens que apresentam gravidez na adolescência, grande parte delas apresentam vulnerabilidade social, com famílias de baixa renda, sendo a maioria de raça negra ou parda e com baixa escolaridade. Dessa forma, no Brasil 12,6% das adolescentes que engravidaram entre 15 a 19 anos vivem em uma união consensual ou casamento. Com isso, percebe-se que essas porcentagens encontradas mostram uma saída precoce das jovens da casa de seus responsáveis, em que a gravidez na adolescência é parte da realidade vivida por elas (DA SILVA JÚNIOR *et al.*, 2022).

Mostra-se evidente a discussão sobre o abandono escolar por causa da gravidez, visto que segundo Aguiar *et al.*, (2021) a maioria das adolescentes já haviam largado a escola antes de engravidarem. Visto isso, deve ser analisado os motivos que levam a adolescente a sair de sua instituição, e algumas dessas razões são: mudanças de domicílio, precariedade das redes de ensino público, a violência nas áreas das escolas, inserção no mercado de trabalho (mais frequente entre os homens), e a internalização feminina para cuidar da casa e dos irmãos (DA SILVA JÚNIOR *et al.*, 2022).

De acordo com Aguiar *et al.*, (2021), foi observado que no estudo quase um terço das gestações foram planejadas e dois terço desejadas. Com isso, verifica-se que ao contrário do que é imposto pela sociedade a gravidez na adolescência muitas vezes não é absolutamente não planejada ou desejada, podendo estar associada a uma situação de busca por valorização da mulher e reconhecimento social.

Através de um estudo analisou que mesmo a gravidez não sendo planejada a mãe adolescente não se afasta da responsabilidade de assumir, cuidar e criar seu

filho, tendo como resultado a aceitação de sua maternidade. Entretanto, poucas desconhecem as consequências que uma gravidez pode causar nessa faixa etária e os riscos decorrentes dela (DA SILVEIRA *et al.*, 2018).

Foi observado que o uso de métodos contraceptivos feito pelas adolescentes era baixo, em 80% não usavam contracepção ou usaram de maneira irregular quando engravidaram e apenas 91% das jovens tinham conhecimento sobre preservativos, em que 83% sabiam apenas sobre a pílula anticoncepcional (AGUIAR *et al.*, 2021).

Através de um estudo apresentado por Da Silveira *et al.*, (2018) relatou que 51,1% dos bebês nasceram com alguma complicação, sendo a prematuridade a principal causa dela representando a metade dos casos. Diante disso, é importante analisar as alterações que uma adolescente passa, normalmente correlacionado com as transformações que ela também irá passar na gestação, podendo ser um risco para ela e para o bebê.

Com isso, entende-se que a gravidez precoce mesmo que planejada traz risco para as mesmas, e ao engravidar por falta de conhecimento muitas acabam tendo complicações, deixando-as fragilizadas (DA SILVA JÚNIOR *et al.*, 2022).

Em relação a prematuridade, o estudo de Aguiar *et al.*, (2021) relacionou os pontos negativos e a idade materna, considerando que os mesmos têm mais relação com as condições de vulnerabilidade social do que a idade propriamente dita. Mostrando que os resultados negativos seriam os mesmos para mulheres de 15 a 19 anos comparado a mulheres mais velhas, porém para as idades de 10 a 14 anos os riscos crescem mais.

Em referência a ocupação, a maioria dos pais das crianças relataram ter empregos diferentemente das mães, em que a maioria não estudava e nem trabalhava, dando ênfase a ideia principalmente nas classes populares em que apenas a mãe é responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, e a do homem o sustento da família podendo ser um fator para o abandono escolar tão precoce, já

que em torno de um quinto dos pais também eram adolescentes (AGUIAR *et al.*, 2021).

As mulheres do estudo em média tiveram relação afetiva com homens cinco anos mais velhos, esse acontecimento pode estar relacionado com o fator de que adolescentes com cônjuges mais velhos iniciam suas atividades sexuais e engravidam mais cedo, sendo muitas vezes vítimas de violência doméstica mais facilmente do que por parceiros de idade semelhantes, pois em sua maioria são mais manipuláveis (AGUIAR *et al.*, 2021).

No estudo apresentado por Aguiar *et al.*, (2021) quase um terço das adolescentes sofreram violência doméstica durante a gestação, sendo a mais recorrente a violência psicológica, depois violência física e sexual.

A violência doméstica é um acontecimento frequente em mulheres grávidas, principalmente entre pessoas de baixa renda causando um aumento na morbidade pós parto materna e neonatal, dessa forma analisa-se como a desigualdade de social e de gênero contribui para uma maior violência, se tornando uma preocupação para o Sistema Único de Saúde. Entretanto, os pais também foram citados como agressores de violência doméstica, justificando como medida para educar e disciplinar (DA SILVA JÚNIOR *et al.*, 2022).

Visto isso, a violência doméstica se torna uma questão social que conta com a ajuda da ação da ESF para ser resolvida, já que a mesma se volta para grupos sociais mais vulneráveis, seguindo os protocolos e princípios do SUS, como a integralidade e a longitudinalidade que ganha grande importância na adolescência, porém se trata de um assunto desafiador para as políticas públicas, consequentemente para a atenção primária (AGUIAR *et al.*, 2021).

Aguiar *et al.*, (2021) verificou que o abandono ou atraso escolar entre as adolescentes foi 4,06 vezes entre aquelas que sofriam violência doméstica do que as que não passavam por essa situação. Foi analisada uma relação de internação de recém-nascidos com violência doméstica e percebeu-se que as chances de a

criança ser internada é 3,83 vezes maior em mães que já foram de violência doméstica.

Afinal, vários são os fatores que levam as mães adolescentes a engravidarem tão precocemente, sujeitando-se ao risco de parto prematuro. Sendo assim, a gestação na adolescência sendo ela planejada ou não, gera na mãe fortes tensões e preocupações, desencadeando muitos sentimentos (DA SILVEIRA *et al.*, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo de revisão bibliográfica feito, chega-se à conclusão que a gravidez na adolescência é precursora de inúmeras problemáticas, sendo uma delas o nascimento de crianças prematuras. Entretanto, os fatores que levam a mulher a ter filhos ainda na transição entre adolescente e jovem, são diversos, citando como destaque a questão socioeconômica, acompanhada da saída da casa de seus pais em busca de empregos.

Sendo assim, torna-se evidente que na grande maioria das vezes a menina não faz o pré-natal da forma como deveria, ocasionando a nascimentos prematuros. Dessa maneira, vale discorrer que possui uma relação entre as mudanças drásticas sofridas pela adolescente, desencadeando traumas e complicações.

Outrossim, cabe destacar que levar informações dos cuidados para evitar a gravidez na adolescência é, ainda, um fator prevalente na sociedade brasileira, sendo a assertiva corroborada pelos estudos mencionados anteriormente. Dessa maneira, é necessário um trabalho multidisciplinar, pois a circunstância vai muito além de cuidados médicos, mas, emocionais e psicológicos, visto que é uma cadeia de acontecimentos, desencadeando cada vez mais fatores relevantes e preocupantes.

Ademais, ao finalizar o presente estudo, pôde-se constatar que é imprescindível alavancar e retomar ações sobre o tema abordado, visto que ainda é lacônico o número de projetos e programas de apoio a respeito, contemplando assim, uma melhora significativa na situação e nos dados epidemiológicos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Camilla Moura; GOMES, Kilma Wanderley Lopes. Gravidez na adolescência e violência doméstica no contexto da atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 16, n. 43, p. 2401-2401, 2021.

DA SILVA JÚNIOR, Francisco Sales *et al.* Gravidez na adolescência no Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 6323-6331, 2022.

DA SILVEIRA, Ângela Cristina Bonfim *et al.* Repercussões da gravidez e do parto prematuro em mães adolescentes. **CIAIQ2018**, v. 2, 2018.

DE BULHÕES, Thaynan Rocha Brito *et al.* Prevalência de recém nascidos pré-termo de mães adolescentes. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 12, n. 39, p. 84-96, 2018.

MARQUES, Tatiane Montelatto *et al.* Adolescentes grávidas que experienciaram o nascimento prematuro: percepções acerca do cuidado pré-natal. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022.

DIAS, B. F.; DE ANTONI, N. M.; VARGAS, D. M. Perfil clínico e epidemiológico da gravidez na adolescência: um estudo ecológico. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 10–22, 2020.